

A “sojicização” e o “desaparecimento” da produção de feijão na agricultura familiar da microrregião de Pelotas, RS

The "soyization" and the "disappearance" of bean production in family farming in the microregion of Pelotas, RS, Brazil

La "sojización" y la "desaparición" de la producción de frijol en la agricultura familiar de la microrregión de Pelotas, RS, Brasil

Cláudio Becker¹
Kethlen Beatriz de Oliveira Kurtz²
Joélio Farias Maia³
Taís Reischerfer⁴

Recebido em 26/09/2025. Aprovado em 10/10/2025. Publicado em 18/12/2025.

Resumo: As mudanças pelas quais passa a matriz produtiva da agricultura são influenciadas por uma série de fatores. Compreender tais transformações em um território marcado pela presença da agricultura familiar, qual seja, a microrregião de Pelotas- RS, foi o objetivo central deste artigo. Especificamente, o intuito do estudo visou verificar a evolução das áreas ocupadas com o cultivo de feijão (produto alimentar) e de soja (*commodity* agrícola). Do ponto de vista metodológico, foi realizado um levantamento e sistematização dos dados produtivos constantes no Sidra-IBGE, mormente as informações da Produção Agrícola Municipal (PAM) entre os anos de 1993 e 2023. Após a elaboração do banco de dados foram procedidas as análises e elaborados os resultados. Foi possível identificar uma substancial alteração das áreas ocupadas pelos dois cultivos analisados ao longo do tempo. Enquanto a soja multiplicou a área ocupada em quase vinte vezes (de 25.800 ha para cerca de 194.000 ha), o feijão teve uma retração de 96,7 % (de 12.175 ha para inexpressivos 844 ha). Conclui-se que no território e períodos analisados houve praticamente um “desaparecimento” da produção de feijão, ao passo que ocorreu o fenômeno da sojicização, inclusive nas áreas da agricultura familiar.

Palavras-Chave: Matriz produtiva. *Commodities*. Especialização.

Abstract: The changes undergone by the agricultural production matrix are influenced by a series of factors. Understanding these transformations in a territory marked by the presence of family farming – specifically, the micro-region of Pelotas, RS – was the central objective of this article. More specifically, the study aimed to examine the evolution of areas cultivated with beans (a food product) and soy (an agricultural commodity). From a methodological standpoint, a survey and systematization of productive data available in Sidra-IBGE, particularly information from the Municipal Agricultural Production (PAM) between 1993 and 2023, was carried out. After compiling the database, analyses were conducted and results were elaborated. It was possible to identify a substantial shift in the areas occupied by the two crops over time. While soy multiplied its cultivated area nearly twentyfold (from 25,800 ha to approximately 194,000 ha), bean cultivation saw a reduction of 96.7% (from 12,175 ha to a negligible 844 ha). It is concluded that, in the studied territory and period, bean production virtually “disappeared,” while the phenomenon of “soyization” (soy expansion) took hold, including within family farming areas.

Keywords: Productive matrix. *Commodities*. Specialization.

¹ Doutor em Agronomia (UFPel). Docente na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4410-4587> E-mail: claudio.becker@ufpel.edu.br

² Mestranda em Fisiologia Vegetal (UFPel). ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7472-0578> E-mail: kethlenkurtz@gmail.com

³ Doutorando em Sistemas de Produção Agrícola Familiar (UFPel). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3616-7630> E-mail: maia.joelio@gmail.com

⁴ Mestranda em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais (UFPel). Pesquisadora da Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária da Universidade Federal do Rio Grande (INEESOL – FURG). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4136-9700> E-mail: treischerfer@gmail.com

Resumen: Los cambios que experimenta la matriz productiva agrícola están influenciados por una serie de factores. Comprender estas transformaciones en un territorio marcado por la presencia de agricultura familiar, específicamente, la microrregión de Pelotas, RS, fue el objetivo central de este artículo. De manera más específica, el estudio buscó examinar la evolución de las áreas cultivadas con frijol (producto alimenticio) y soja (*commodity* agrícola). Desde el punto de vista metodológico, se realizó un levantamiento y sistematización de los datos productivos disponibles en Sidra-IBGE, en particular la información de la Producción Agrícola Municipal (PAM) entre 1993 y 2023. Tras la compilación de la base de datos, se procedió al análisis y elaboración de los resultados. Fue posible identificar un cambio sustancial en las áreas ocupadas por los dos cultivos a lo largo del tiempo. Mientras que la soja multiplicó su área cultivada casi veinte veces (de 25.800 ha a aproximadamente 194.000 ha), el cultivo de frijol experimentó una reducción del 96,7 % (de 12.175 ha a apenas 844 ha). Se concluye que, en el territorio y período estudiados, la producción de frijol prácticamente «desapareció», mientras que se consolidó el fenómeno de la sojización (expansión de la soja), incluso en áreas de agricultura familiar.

Palabras clave: Matriz productiva. *Commodities*. Especialización.

1 Introdução

É amplamente reconhecido que, nas últimas décadas, o cenário agrícola brasileiro passou por significativas transformações impulsionadas pelo processo de modernização da agricultura, responsável pela introdução de novos insumos, maquinários e tecnologias produtivas que favoreceram a produção das *commodities* agrícolas, especialmente a soja, contribuindo, conseqüentemente, para o declínio na produção de alimentos tradicionais, como o feijão.

Além da disponibilidade de insumos e tecnologias, estudos analíticos sobre o acesso ao crédito rural evidenciam uma distribuição marcadamente desigual entre culturas voltadas à exportação e aquelas destinadas ao consumo interno (Fossá, Matte & Mattei, 2022). Grando (1990) em seu estudo diz que a política agrícola do governo, baseada no crédito rural, objetivava simultaneamente desenvolver um mercado para máquinas e insumos agrícolas e a produção em larga escala de produtos para exportação, o que favoreceu a expansão de lavouras de *commodities*, principalmente a soja. Segundo Amaral & Bacha (2025), entre 1969 e 2023, o crédito rural foi progressivamente concentrado em um número reduzido de produtos, entre eles a soja, o milho e o café, com destaque para a oleaginosa que em 2023 recebeu 46,9% do total dos créditos de custeio.

Neste sentido, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), principal política pública para o segmento agrícola familiar, tem se mostrado um dispositivo de promoção dos monocultivos (Fossá *et al.*, 2024), à exemplo do que também demonstraram Conterato e Bráz (2019) em estudo sobre o Sul Gaúcho, cuja conclusão remete a que o programa colabora para o aprofundamento das desigualdades na agricultura familiar tendo como principal fenômeno o afunilamento da produção agrícola local nas lavouras de soja resultando na especialização produtiva destes agricultores.

Por certo que existem motivações e uma racionalidade na opção pela monocultura e a desistência de cultivos mais tradicionais e diversificados. No caso da soja, a possibilidade de mecanização de todo o processo, do plantio à colheita e suas tecnologias associadas, aliada à diminuição da disponibilidade de mão de obra no meio rural, são exemplos inequívocos de fatores que influenciam as decisões. Ademais, o avanço das áreas de soja ocorre sistematicamente sobre terrenos anteriormente utilizados para produções agropecuárias, predominantemente constituídas de gêneros alimentícios básicos e tradicionais de uma determinada região. Aliado a isso, há a necessidade constante de incorporar mais e novas áreas para viabilizar os ganhos de escala. Este aspecto é o que distingue o processo de “sojicização” (Pelegri & Gazolla, 2009) da especialização produtiva decorrente da “Revolução Verde”.

Não obstante, com o advento do processo de modernização da agricultura, as culturas destinadas à exportação ou agroindústria, passaram a ser privilegiadas para o cultivo, enquanto aquelas que constituem a base da alimentação humana (sendo o feijão um exemplo clássico) ficaram em segundo plano. Sacco dos Anjos, Hirai & Caldas (2009) afirmam que, sob a pressão da mercantilização e da especialização produtiva, famílias que antes contavam com um conjunto diversificado de produções e fontes de renda passaram a depender de uma única atividade produtiva, estritamente vinculada aos mercados globais. É nesse cenário que se dá o efeito da sojicização, no qual a expansão do monocultivo da soja afeta diretamente o contexto agrário das regiões rurais, de forma a priorizar o agronegócio exportador, substituindo assim outros cultivos alimentares (Silva, Sacco dos Anjos & González-Ruiz, 2019), no caso desse estudo o feijão, mas podendo citar outras atividades tradicionais do território, como a pecuária familiar.

Considerando o que estudos anteriores demonstram sobre a especialização dos cultivos e a redução dos incentivos à diversificação da produção entre agricultores familiares, o presente trabalho tem como objetivo avaliar o avanço da produção de soja e a redução das áreas destinadas ao cultivo do feijão – um produto exclusivamente alimentar e de forte valor cultural na alimentação brasileira – na microrregião de Pelotas - RS, abrangendo um período de três décadas compreendidas entre os anos de 1993 e 2023.

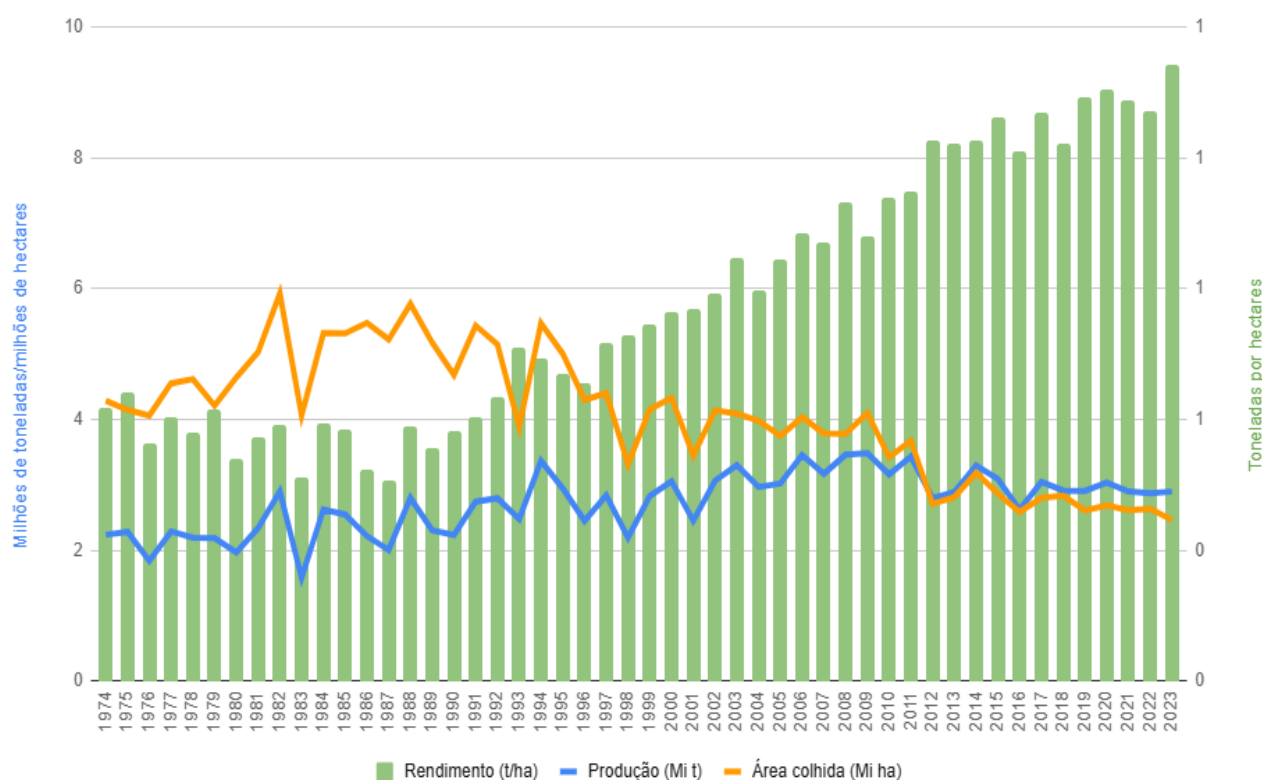
2 A produção de feijão e soja em diferentes escalas

O feijão é um alimento básico para os brasileiros. Conforme De Oliveira e Wander (2023), o feijão está presente na mesa de 70% da população, apresentando forte contribuição para a

segurança alimentar e nutricional, devido à suas características e composição orgânica, principalmente sendo a principal fonte de proteína vegetal consumida pelos brasileiros. Ao fato de ser alimento básico de consumo familiar, soma-se a oportunidade de geração de renda, principalmente para agricultores familiares.

Segundo a Embrapa (2025) a média atual de consumo de feijão é de 12,7 kg per capita por ano, sendo este um dado que apresenta estabilidade no período recente, mas que já alcançou a cifra de 18 kg.hab.ano⁻¹ em 1996. De acordo com o Instituto Brasileiro de Feijão e Pulses (IBRAFE), apesar do considerável consumo interno, sobretudo do feijão tipo carioca, externamente o consumo desse bem é diminuto, principalmente nos países centrais. Este fator é apontado como umas das causas de o comércio internacional de feijão ser tão restrito. O Brasil é o segundo maior produtor e consumidor mundial de feijão. Em 2023, o país produziu 2,9 milhões de toneladas, o que correspondeu a 10,2% da produção global.

Figura 1 - Evolução da produção (em milhões de toneladas), produtividade (rendimento em toneladas por hectare) e área colhida (em milhões de hectares) de feijão no Brasil, entre 1974 e 2023



Fonte: Embrapa (2025).

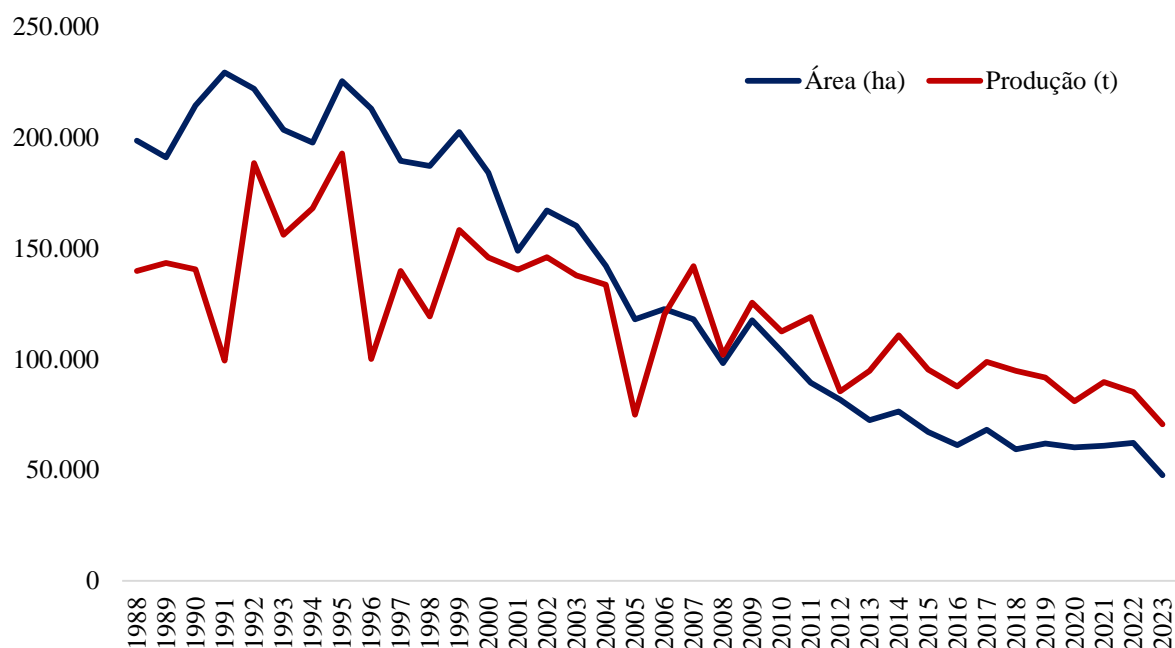
Analisando as informações da Figura 1, que apresenta a evolução da produção brasileira de feijão ao longo do último meio século é possível notar que a área colhida oscilou ao longo do período. Entre 1974 e 1990, variava em torno de 4,5 a 6 milhões de hectares. A partir de 1990 houve um acentuado declínio, caindo para menos de 3 milhões de hectares em anos recentes. Contudo, apesar da queda na área plantada, a produção nacional se manteve relativamente estável com oscilações moderadas. Houve alguns picos e vales, mas a produção oscilou em torno de 2 a 3 milhões de toneladas na maior parte do período, indicando que o ganho de produtividade compensou a redução de área, sendo que ao longo da última década do século passado ocorreu uma aceleração significativa na produtividade, recentemente, em 2023, atingiu seu maior nível histórico. De Oliveira & Wander (2023) explicam que o crescimento da produtividade de feijão, em nível nacional, é produto de um aumento de tecnologias empregadas no cultivo, como o melhoramento em correção e adubação do solo e acesso a cultivares mais produtivas, que apresentam maior resistência a questões climáticas e a pragas e doenças. Outro fator para esse aumento em produtividade pode estar relacionado ao uso de irrigação mecânica.

Neste contexto, o Rio Grande do Sul (RS) sempre ocupou uma posição intermediária no cenário nacional, oscilando em torno da décima colocação entre os estados com maior área e produção de feijão. Entretanto, a importância deste cultivo para a agricultura familiar é inegável para os agricultores gaúchos.

Analisando as informações da Figura 2, que apresenta a evolução da produção de feijão no Rio Grande do Sul entre 1988 e 2023, observa-se uma regressão progressiva da área plantada ao longo do período. Em 1988, foram cultivados 191.140 hectares, chegando ao pico em 1991, com 229.350 hectares. A partir de então, a área de cultivo de feijão entrou em declínio, registrando 120.159 hectares em 2006 e atingindo, em 2023, apenas 47.707 hectares - o menor valor de toda a série histórica.

No que se refere à produção (em toneladas), também se constata uma trajetória de queda, ainda que marcada por oscilações (Figura 2). Em 1988, a produção foi de 139.881 toneladas, alcançando o auge em 1995, com 192.823 toneladas. A partir de 2006, entretanto, nota-se um fenômeno distinto: mesmo com a redução da área plantada, a produção se manteve relativamente elevada em alguns momentos, indicando ganhos de produtividade. Ainda assim, em 2023, a produção foi de apenas 70.643 toneladas - o segundo menor índice do período analisado.

Figura 2 - Evolução da área plantada (em hectares) e da produção (em toneladas) de feijão no Rio Grande do Sul, entre 1988 e 2023



Fonte: elaborado pelos autores com informações da PAM/SIDRA/IBGE (2025).

De modo geral, os dados confirmam o declínio do cultivo de feijão no estado, tanto em área plantada (hectares) quanto em volume produzido (toneladas). Contudo, os dados evidenciam também um aumento consistente da produtividade (colheita por hectare). Apesar disso, tais avanços não foram suficientes para compensar a retração da área cultivada, que pode se apresentar como um dos fatores determinantes da queda da produção de feijão no Rio Grande do Sul. Durigon *et al.* (2015) argumentam ainda, que movimentação econômica do cultivo do feijão no RS já apresentava redução significativa, principalmente em função da variabilidade e sazonalidade dos preços de venda e em função da redução da área cultivada. Outra explicação se encontra nos estudos sobre crédito rural e o foco na especialização produtiva (Conterato & Bráz, 2019; Fossá *et al.*, 2024).

De acordo com Silva, Oliveira & Mutti (2017) a redução da produção de feijão também pode ser explicada à luz da inserção brasileira na economia mundial, na qual a especialização na produção de *commodities* agrícolas para exportação tem a sua maior expressão. Desta forma, há uma série de incentivos para a soja e é dada uma menor atenção aos produtos alimentícios básicos, à exemplo do feijão.

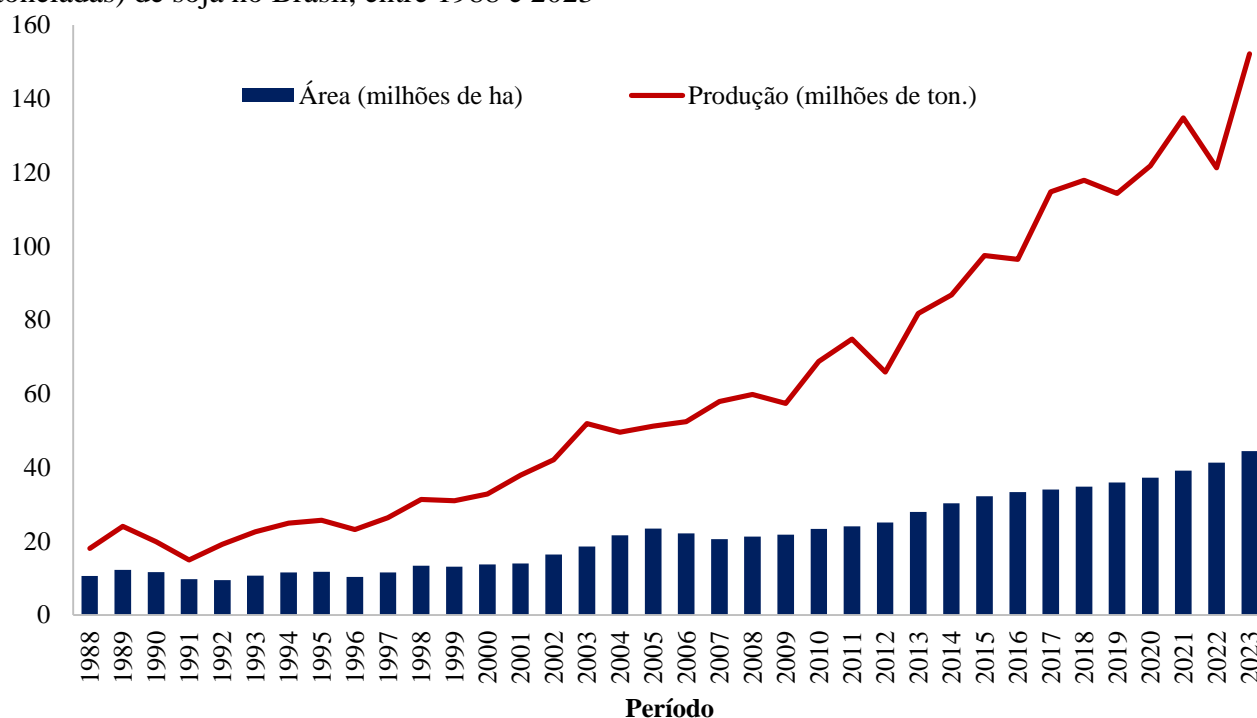
Por sua vez, a soja converteu-se no principal produto agrícola brasileiro. Cabe frisar que do ponto de vista agrônomo, na maior parte do país, tanto o feijão quanto a soja são cultivados no

mesmo período do ano, na chamada “safra de verão”. Isso faz com que as culturas compitam pela mesma área, invariavelmente favorecendo a *commodity* nesta disputa.

Atualmente, o Brasil é o maior produtor e exportador mundial de soja, tendo uma área plantada de aproximadamente 50 milhões de hectares (ver Figura 3). Os maiores estados produtores são, respectivamente, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul (Embrapa, 2025). A produção nacional atingiu cerca de 170 milhões de toneladas na safra 2024/25, e no Rio Grande do Sul a produção alcançou 14,28 milhões de toneladas (Conab, 2025).

Analisando as informações da Figura 3, que apresenta a evolução da produção brasileira de soja entre 1988 e 2023, observa-se um expressivo crescimento da área plantada ao longo do período. Entre 1988 e 2000, as áreas cultivadas com soja variavam entre 10 e 13,6 milhões de hectares. A partir de 2001 inicia-se um ciclo de expansão mais acelerado, ainda que marcado por oscilações. O avanço torna-se mais evidente a partir de 2010, quando a área cultivada passa de 23 milhões de hectares para mais de 44 milhões em 2023, representando o maior patamar histórico de plantio da leguminosa no país.

Figura 3 - Evolução da área plantada (em milhões de hectares) e da produção (em milhões de toneladas) de soja no Brasil, entre 1988 e 2023



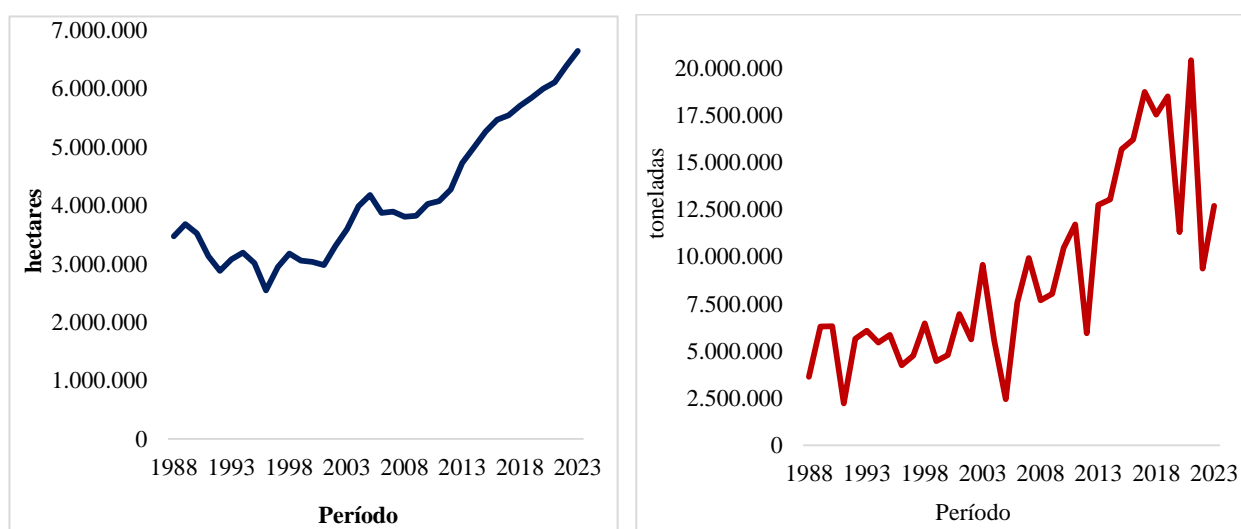
Fonte: elaborado pelos autores com informações da PAM/SIDRA/IBGE (2025).

No que se refere à produção, o crescimento foi ainda mais significativo. Em 1988, o Brasil produzia cerca de 22,4 milhões de toneladas de soja. Ao longo das décadas seguintes, a produção apresentou oscilações, mas manteve uma tendência de forte elevação. Em 2023, alcançou aproximadamente 152 milhões de toneladas, um recorde histórico. Esse avanço deve-se tanto à expansão da fronteira agrícola quanto ao incremento da produtividade, associado ao uso intensivo de tecnologias, insumos modernos e adaptação de cultivares a diferentes regiões.

Assim, os dados analisados evidenciam que, entre 1988 e 2023, a soja consolidou-se como uma das principais *commodities* agrícolas brasileiras, combinando aumento de área e ganhos de produtividade, o que permitiu ao Brasil atingir posição de liderança mundial na produção da oleaginosa.

Em âmbito estadual, analisando as informações da Figura 4 (A), que apresenta a evolução da produção de soja no Rio Grande do Sul entre 1988 e 2023, observa-se um crescimento progressivo da área plantada ao longo do período. Em 1988, foram cultivados cerca de 3,68 milhões de hectares no estado. Apesar das oscilações — como em 1996, quando a área caiu para 2,55 milhões de hectares — manteve-se, no geral, uma tendência de expansão da área cultivada, alcançando em 2023 o recorde de 6,64 milhões de hectares plantados com soja no estado gaúcho.

Figura 4 - Evolução da área plantada (em hectares) (A) e da produção (em toneladas) (B) de soja no Rio Grande do Sul, entre 1988 e 2023



Fonte: Elaborado pelos autores com informações da PAM/SIDRA/IBGE (2025).

No que se refere à produção (em toneladas), a trajetória também é de crescimento, mas marcada por fortes oscilações, como é possível observar na Figura 4 (B). Em 1988, foram

produzidas aproximadamente 3,63 milhões de toneladas, chegando ao auge em 2021, com 20,42 milhões de toneladas. Nos anos seguintes, contudo, a produção recuou drasticamente, resultado sobretudo das severas estiagens e secas que atingiram o estado: em 2022, foram apenas 9,37 milhões de toneladas, com leve recuperação em 2023, quando se colheram 12,96 milhões de toneladas de soja no RS.

Comparando as informações das Figuras 3 e 4, evidencia-se uma diferença significativa entre o cenário nacional e o estadual. Enquanto no Brasil a expansão da área cultivada foi acompanhada de aumento consistente da produção, no Rio Grande do Sul observa-se uma divergência: a área plantada cresce, mas a produção não acompanha esse ritmo, revelando perdas expressivas de produtividade. Esse contraste reforça a vulnerabilidade da soja gaúcha frente as condições climáticas adversas, em especial às secas recorrentes que limitam o desempenho da cultura no estado, observando logicamente demais fatores que possam intervir nesse cenário. Ferreira, Kreter & Garcia (2024) destacam ainda sobre enxurradas e inundações que causaram impactos diretos no cultivo da soja, tanto em áreas quanto em produtividade, comprometendo lavouras em desenvolvimento que nem foram colhidas, reforçando ainda mais a vulnerabilidade do cultivo de soja no RS.

Nesse sentido, o que está exposto é o declínio do cultivo de feijão no Rio Grande do Sul, ao contrário do que ocorre no Brasil, marcado pela redução da área ocupada e dos índices de produção, que mesmo com um leve incremento de produtividade não conseguem compensar as perdas. Enquanto isso, a soja cresce vertiginosamente em área, produção e produtividade, ainda que sujeita a oscilações climáticas recentes. Nesse cenário, observa-se a substituição de um alimento básico e tradicional, como o feijão, por uma *commodity* voltada à exportação, configurando um paradoxo: o cultivo de um alimento essencial ao consumo diário recua, ao passo que se expande a produção de uma matéria-prima para o mercado externo. Esse processo reflete o modelo hegemônico e especializado de produção difundido no estado, a sojicização, o qual pode comprometer a segurança nutricional e a soberania alimentar em troca da produção de *commodities* dependentes de fatores climáticos, políticos e econômicos em escala global. A seguir, apresenta-se os aspectos metodológicos que norteiam a pesquisa.

3 Metodologia

O presente estudo pode ser classificado como um estudo de caso, que de acordo com Ventura (2007) é uma modalidade de pesquisa que visa selecionar um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais, levando a investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. Após a definição do objeto de estudo, tendo como objetivo central observar o avanço do cultivo de soja nas áreas destinadas a agricultura familiar e a redução dessas mesmas áreas com cultivo de feijão na microrregião de Pelotas, foi realizado um recorte temporal de três décadas dos dados produtivos disponíveis na plataforma de Produção Agrícola Municipal (PAM). No banco de tabelas estatísticas que armazena os dados de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/SIDRA). Os dados selecionados para análise continham informações da evolução das áreas e da produção dos cultivos de soja e feijão nos dez municípios que compõem a microrregião de Pelotas, quais sejam: Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Cristal, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

Cumprir destacar que no início da série histórica analisada algumas cidades ainda não haviam se emancipado, como é o caso de Arroio do Padre (emancipado em 1996), Turuçu (emancipado em 1995) e Cerrito (emancipado em 1995). Entretanto, os territórios destes municípios estavam contidos integralmente na microrregião de Pelotas. É dizer, não foram incorporadas novas áreas externas ao longo evolução histórica dos dados do SIDRA/IBGE. Igualmente, procedeu-se a conferência da integridade das informações constantes na PAM, tanto do ponto de vista temporal como espacial.

Após a elaboração organizada desse banco de dados, deu-se início o processo de tratamento das informações por meio do uso de estatística básica simplificada, compreendida entre (i) coleta, organização e descrição dos dados; (ii) reunir elementos para realizar as duas etapas finais da pesquisa, que consistem em proceder à análise dos elementos para, enfim, (iii) chegar-se à uma conclusão (Carvalho & Campos, 2016). Para aprimorar a visualização dos resultados, foram criados mapas ilustrativos baseados na divisão em quartis dos agrupamentos das duas categorias de produções agrícolas analisadas, especificamente nos anos de 1993, 2003, 2013 e 2023. Acredita-se que a organização dos mapas em quartis possui o potencial de compreender as

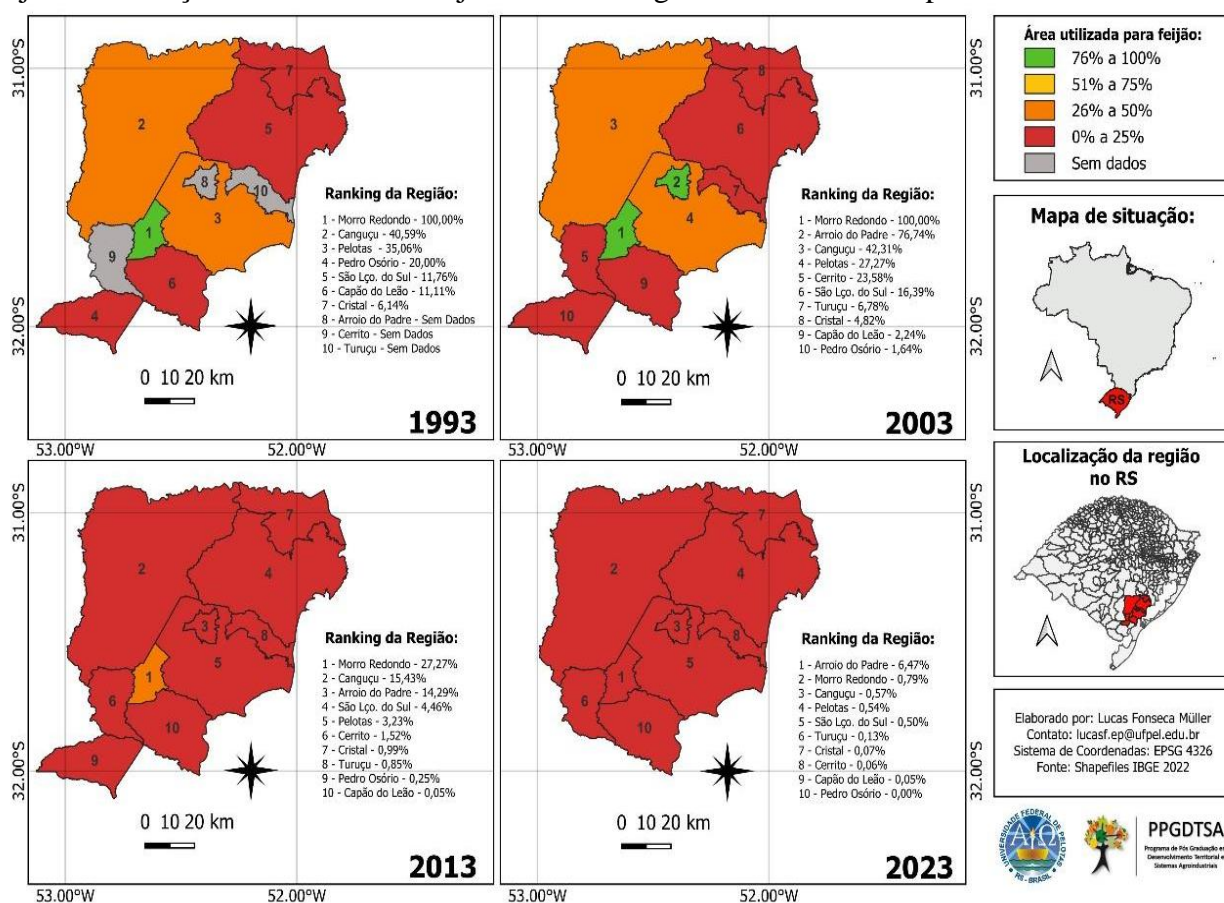
alterações ocorridas ao longo da série histórica, sem comprometer as variações que porventura tenham ocorrido anualmente. A seguir, apresentam-se os resultados e discussões do estudo.

4 Análise dos Resultados

Entre os anos de 1993 e 2023 a microrregião de Pelotas vivenciou transformações significativas na destinação do uso agrícola das terras, especialmente no que diz respeito a substituição das áreas com cultivo de feijão pela soja, sendo esse processo visivelmente representado na figura 5, à continuação, que evidencia o avanço da sojicultura sobre áreas que antes eram destinadas a produção de gêneros alimentícios básicos, sobretudo o feijão. Esse processo reflete uma tendência mais ampla observada no Sul do Brasil, onde a especialização produtiva das propriedades rurais tem reduzido a diversidade produtiva em regiões tradicionalmente associadas à agricultura familiar (Schneider *et al.*, 2020). Tal cenário pode estar relacionado à questão de crédito rural fomentando essa transformação produtiva nos territórios, a exemplo dos estudos de Conterato & Bráz (2019) e Fossá *et al.* (2024).

Em 1993, o cenário mostrava uma presença relevante do feijão na região, especialmente no município de Morro Redondo, onde 100% da área cultivada era destinada à leguminosa, sem registro de cultivo de soja. Outros municípios, como Canguçu e Pelotas, também apresentavam percentuais expressivos de cultivo de feijão, com cerca de 40% e 35%, respectivamente. No caso de Canguçu, que é conhecida como a capital nacional da agricultura familiar, essa expressiva participação do feijão reforça sua importância para a diversificação da produção de alimentos no meio rural e de acordo com Pieper *et al.*, (2024), a agricultura familiar tem grande relevância econômica, consolidando-se como um pilar indispensável para o progresso local e nacional deste município.

Figura 5 - Mapas ilustrativos com a evolução percentual da área plantada destinada à colheita de feijão em relação à colheita de soja na microrregião de Pelotas no período de 1993 a 2023



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de PAM/SIDRA/IBGE (2024).

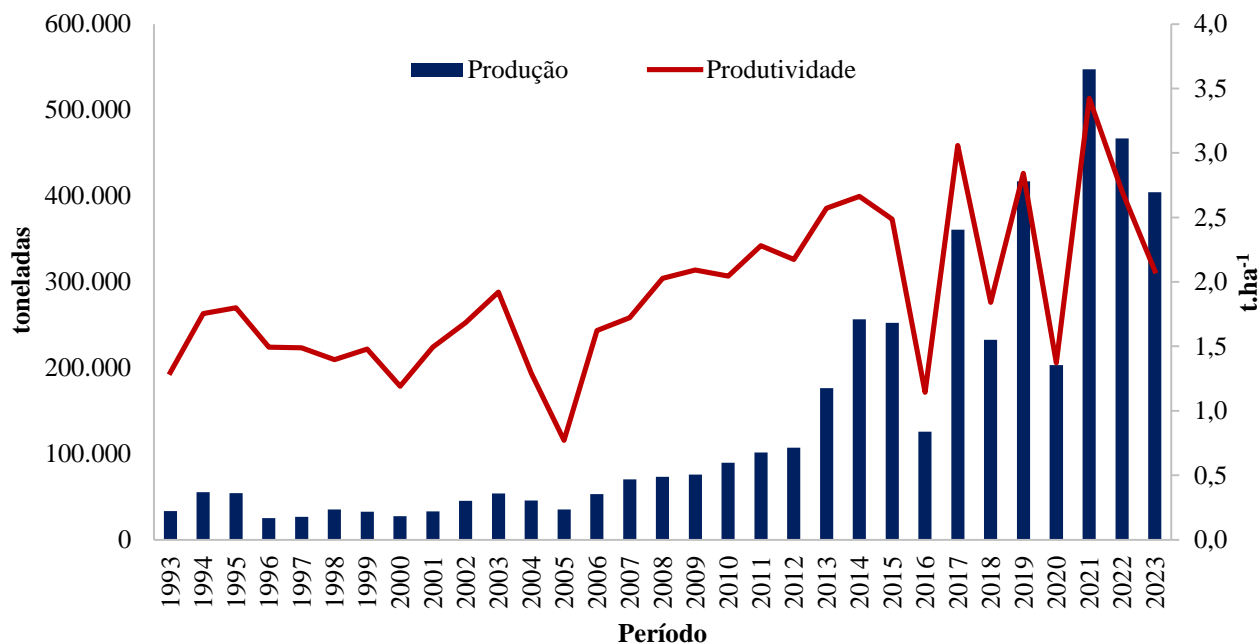
Ao analisar o ano de 2003, percebe-se que o cenário agrícola permaneceu semelhante ao observado em 1993. Neste ano, os municípios de Morro Redondo e Arroio do Padre mantinham 100% de suas áreas agrícolas destinadas ao cultivo de feijão. Já em Canguçu e Pelotas, a presença do feijão nas propriedades familiares ainda variava entre 26% e 50%. Um aspecto relevante é que pequenos municípios recém-emancipados, como Cerrito e Turuçu que se tornaram independentes em 1995, já apresentavam cultivo de soja em 23,58% e 6,78% de suas áreas, respectivamente.

No ano de 2013, a substituição do feijão pela soja tornou-se ainda mais acentuada. Morro Redondo e Arroio do Padre, que lideravam a produção de feijão na década anterior, apresentaram uma queda expressiva nesse cultivo passando respectivamente para apenas 27,27% e 14,29% das suas áreas para o cultivo de feijão. Canguçu e Pelotas também registraram diminuições em suas áreas com feijão (3.650 e 400 hectares, respectivamente), enquadrando-se, a partir desse ano, na faixa de 0% a 25% de cultivo da leguminosa. De acordo com Dorisca (2025), a *commodity*

agrícola se beneficia de fortes incentivos governamentais como crédito agrícola e isenções fiscais, atraindo uma parcela crescente de setores produtivos, como aqueles de origem familiar.

Finalmente, em 2023, o cultivo de feijão praticamente desapareceu da paisagem agrícola da microrregião de Pelotas, com menos de 25% das áreas destinadas à cultura nos dez municípios analisados. Arroio do Padre destacou-se como o único município com uma participação mais expressiva, registrando 6,47% (45 hectares) da área cultivada com feijão entre os estabelecimentos familiares. Nos demais municípios, esse percentual foi inferior a 1%, enquanto em Pedro Osório o cultivo da leguminosa foi inexistente, com 0% de participação nas áreas produtivas. Segundo Becker *et al.*, (2024), mesmo com o acréscimo de novas áreas agrícolas nas últimas décadas, observa-se uma clara inversão no uso das terras, com forte retração das culturas alimentares e avanço das commodities, especialmente a soja. Esse movimento pode ser ilustrado através dos dados obtidos no banco de dados do IBGE (2025), que mostram a produção de feijão na microrregião de Pelotas caindo de 12.235 toneladas em 1993 para 9.969 em 2003, 5.338 em 2013 e 1.614 em 2023.

Figura 6 - Evolução da produção (em toneladas) e da produtividade (em toneladas por hectare) de soja na microrregião de Pelotas entre 1993 e 2023



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de PAM/SIDRA/IBGE (2024).

Na contramão do cultivo de feijão, observa-se a expansão da produção de soja na microrregião de Pelotas. Entre os anos de 1993 e 2006, a área cultivada com a oleaginosa

Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Campus Dom Pedrito/RS.

Deméter - Edição - v.1, n. 1, 2026. | p. 35-51 DOI: <https://doi.org/10.64085/demter.v1i1.119045>



Atribuição-SemDerivações-SemDerivados CC BY-NC-ND: Permite o download dos seus trabalhos e o compartilhamento desde que atribua crédito, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

apresentou oscilações, variando entre 25 e 50 mil hectares. A partir de 2006, verifica-se um crescimento mais consistente, que se intensifica a partir de 2013 e atinge o pico de ocupação de área em 2021, com mais de 547 mil hectares, apesar das fortes flutuações no período. Nos anos de 2022 e 2023, contudo, ocorreu retração, reduzindo para pouco mais de 404 mil hectares. Em termos de produtividade, oscilou entre 0,77 e 3,42 toneladas por hectare, também atingindo seu ponto máximo no ano de 2021. De forma semelhante à redução de área, os anos de 2022 e 2023 registraram queda de produtividade, que recuou para 2,08 toneladas por hectare. Assim, observa-se que, na microrregião, as variações de produtividade caminham em paralelo às oscilações da área cultivada.

Quando comparada à média nacional, estimada em torno de 3,5 toneladas por hectare, a produtividade da soja na microrregião de Pelotas se manteve abaixo desse patamar em praticamente todo o período analisado, aproximando-se apenas em 2021. Essa defasagem pode estar relacionada a fatores climáticos adversos, como estiagens prolongadas ou chuvas excessivas (Ferreira, Kreter & Garcia, 2024). Enquanto no cenário nacional a soja apresenta crescimento contínuo em área e produtividade, o desempenho da microrregião acompanha mais de perto a realidade do Rio Grande do Sul, especialmente pela retração verificada em 2022 e 2023.

O contraste entre os cultivos é evidente: ao mesmo tempo em que a soja avança, o feijão — alimento básico e de grande importância cultural e nutricional na dieta brasileira (De Oliveira & Wander, 2023) — declina drasticamente. Entre 1993 e 2023, sua participação reduziu-se a menos de 25% das áreas anteriormente destinadas à cultura e, em alguns municípios, tornou-se inexistente, como ilustra a Figura 5. Já a Figura 6 demonstra o avanço da sojicultura, que, apesar das oscilações, consolidou-se como a principal atividade agrícola da microrregião, substituindo gradativamente cultivos alimentares tradicionais, caminhando para o efeito chamado de sojicização (Silva, Sacco dos Anjos & González-Ruiz, 2019).

Diversas podem ser as causas dessa transformação, desde questões de direcionamento de crédito rural e especialização produtiva (Conterato & Bráz, 2019; Fossá *et al.*, 2024), passando pelo cenário brasileiro na economia internacional, influenciando a produção de *commodities* em detrimento à produtos alimentares (Silva, Oliveira & Mutti, 2017), ou ainda, fatores relacionados à própria produção de feijão, como flutuação de preços e redução de áreas (Durigon *et al.*, 2015). O conjunto desses elementos contribui para essa transformação da matriz produtiva de produção de alimentos e atividades tradicionais do território, como apontado por estudos semelhantes (Silva, Sacco dos Anjos & González-Ruiz, 2019; Becker *et al.*, 2024).

Destarte, o que se evidencia aqui quando comparados os cultivos de feijão e soja na microrregião de Pelotas, é a substituição de um alimento básico em detrimento da produção de uma *commodity*. Enquanto o cultivo de soja cresce e se torna hegemônico, induzindo a uma tendência a especialização produtiva nas unidades rurais, confirmando o efeito de sojicização, o cultivo de feijão perde espaço até praticamente desaparecer, como ocorreu em alguns municípios analisados. A seguir, são apresentadas as considerações finais do estudo.

5 Considerações finais

Com base nos resultados obtidos neste estudo, ficou evidente que o avanço da soja sobre as áreas antes destinadas ao cultivo de feijão na microrregião de Pelotas cristaliza uma alteração profunda na matriz da agropecuária – também, e especialmente, na agricultura familiar – ao longo das últimas três décadas. Esse processo localizado se inscreve em uma dinâmica nacional e global, a qual vem posicionando o Brasil como fornecedor mundial de *commodities* agrícolas. Em detrimento disto, alimentos básicos, à exemplo do feijão, vem sistematicamente perdendo terreno, tanto em termos relativos quanto absolutos.

No caso em questão, o processo de substituição produtiva praticamente fez desaparecer as áreas cultivadas com feijão, cuja diminuição foi da ordem de praticamente 97% entre 1993 e 2023, ao passo que a soja multiplicou a área ocupada impressionantes quase vinte vezes (de 25.800 ha para cerca de 194.000 ha).

Cabe salientar o papel da agricultura em produzir alimentos. À medida em que o cultivo de soja entra na microrregião em estudo, a produção de feijão perde espaço e importância, inclusive na agricultura familiar. Tal processo implica potenciais riscos para a segurança nutricional e soberania alimentar. Ao priorizar a produção de soja para exportação, opta-se por não produzir feijão para a mesa. O desaparecimento da produção de feijão guarda fortes relações para com o fenômeno da sojicização na microrregião de Pelotas. É nesse cenário que a especialização produtiva crescente das unidades rurais, mesmo em territórios tradicionalmente associados à agricultura familiar, reforça a sojicização da matriz produtiva da microrregião de Pelotas, trazendo uma série de impactos que necessitam ser ainda melhor compreendidos em estudos ulteriores.

Referências

Amaral, F. J. G. & Bacha, C. J. C. (2025). Evolução do crédito rural no Brasil de 1969 a 2023.

Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Campus Dom Pedrito/RS.
Deméter - Edição - v.1, n. 1, 2026. | p. 35-51 DOI: <https://doi.org/10.64085/demter.v1i1.119045>



Atribuição-SemDerivações-SemDerivados CC BY-NC-ND: Permite o download dos seus trabalhos e o compartilhamento desde que atribua crédito, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

Revista de Economia Contemporânea, v. 29, n. 2, p. 1-30.

- Becker, C.; Kurtz, K. B. O., Ávila, M. R., Nascimento, S. G. S., Hanke, D. & Maia, J. F. (2024). Análise das transformações na matriz produtiva da agricultura familiar: estudo de caso na Serra dos Tapes, RS. *Caderno Pedagógico*, v. 21, n. 6, e5012.
- Carvalho, S. & Campos, W. (2016). *Estatística básica simplificada*. Rio de Janeiro: Campus.
- Companhia Nacional de Abastecimento – Conab. (2025). *Acompanhamento da safra brasileira de grãos: safra 2024/25*, n. 10, jul. 2025. Brasília, DF: Conab. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- Conterato, M. A. & Bráz, C. A. (2019). O processo de especialização produtiva dos agricultores familiares da Zona Sul do Rio Grande do Sul através do Pronaf-custeio. *Redes*, Santa Cruz do Sul, 24 (3), 12-34. DOI: <http://doi.org/10.17058/redes.v24i3.14001>.
- De Oliveira, G. M. & Wander, A. E. (2023). Mapeamento da cadeia produtiva do feijão-comum no Brasil. *Revista Economia Política do Desenvolvimento*, 14 (32), 96-122. DOI: <https://doi.org/10.28998/2594-598X.2023v14n32p96-122>
- Dorisca, E. (2025). *Percepção de agricultores familiares em relação às mudanças climáticas e estratégias de adaptação no município de Pelotas-RS, Brasil*. Dissertação/Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sistema de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas.
- Durigon, M. Â., Ozelame, Â. L., Stasinski, R., Canever, M. D. & Antunes, I. F. (2015). *Estratégias de comercialização do feijão no Rio Grande do Sul*. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33891257.pdf>. Acesso em: 16 set. 2025.
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. (2025). *Feijão*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agropensa/agro-em-dados/agricultura/feijao>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. (2025). *Dados econômicos da soja*. Londrina: Embrapa Soja, 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- Ferreira, D., Kreter, A. C. & Garcia, P. M. (2024). *Impacto das chuvas no setor agropecuário do Rio Grande do Sul: revisão da produção do estado e nova estimativa para o PIB agropecuário brasileiro*. Carta de Conjuntura, Rio de Janeiro, n. 63, abr./jun. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14329>. Acesso em: 16 set. 2025.
- Fossá, J. L., Matte, A. & Mattei, L. F. (2022). A trajetória do Pronaf: análise das operações de crédito nos municípios brasileiros entre 2013 e 2020. *Extensão Rural*, v. 29, n. 1, e1, p. 1-27, DOI: <https://doi.org/10.5902/2318179668371>.

Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Campus Dom Pedrito/RS.

Deméter - Edição - v.1, n. 1, 2026. | p. 35-51 DOI: <https://doi.org/10.64085/demter.v1i1.119045>



Atribuição-SemDerivações-SemDerivados CC BY-NC-ND: Permite o download dos seus trabalhos e o compartilhamento desde que atribuam crédito, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

- Fossá, J. L., Villwock, A. P. S., Matte, A. & Mattei, L. (2024). “Menos feijão, mais soja”: histórico do financiamento Pronaf custeio agrícola no Brasil entre 2013 e 2023. *In: 62º Congresso da Sober, 2024, UFT. Anais do 62º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. Recife: Even3.
- Grando, M. Z. (1990). *Pequena agricultura em crise: o caso da colônia francesa no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FEE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Ibge. (2025). *Produção Agrícola Municipal*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses - Ibrafe. (2025). *Boletim só feijão*. Disponível em: <https://www.ibrafe.org/boletim-so-feijao>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- Peigrini, G. & Gazolla, M. (2009). A agroindustrialização como estratégia de reprodução social da agricultura familiar. *Estudos Sociedade e Agricultura (UFRRJ)*, v. 17, p. 332-378.
- Pieper, M. S.; Arejano, L.M.1; Cardoso, R. C.; Rocha, L. H. S.; Gracioso, T. V. Z. F.; Tedesco, G. S.; Prediger, L. T.; Tochtenhagen, T. N., Spagnollo, J. G. T. & Quadro, M. S. (2024). Desafios da agricultura familiar em canguçu RS: impactos da estiagem e necessidades estruturais. *Revista brasileira de engenharia e sustentabilidade*. v. 13, p. 81-90.
- Sacco dos Anjos, F., Caldas, N. V. & Hirai, W. G. (2009). Dimensão Rural da Insegurança Alimentar: Transformações nas Práticas de Autoconsumo entre Famílias Rurais do Extremo Sul Gaúcho. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v. 11, p. 1-17.
- Schneider, S. & Cassol, A. (2014). Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações para políticas públicas. *Cadernos De Ciência & Tecnologia*, n. 31, v. 2, p. 227-263.
- Silva, A. S., Oliveira, G. G. & Mutti, J. (2017). Mais soja e menos feijão: um retrato da teoria da dependência no Brasil. *In: XXXI Congresso da Associação Latino-americana de Sociologia, 2017, Montevideu. As encruzilhadas abertas da América Latina: A sociologia em tempos de mudança*.
- Silva, M. N. da, Sacco dos Anjos, F. & González-Ruiz, J. (2019). Adiós Pampa mía: impactos socioambientales de la expansión de la soja en el sur de Brasil. *Agroalimentaria*, 25 (48), 53-68.
- Ventura, M. M. (2007). O estudo de caso como modalidade de Pesquisa. *Revista Socerj*, v. 20, n. 5, p. 383- 386.